

O NORTE

do DISTRITO

QUINZENÁRIO de FIGUEIRÓ DOS VINHOS



Avença
Proprietário **Dr. Ernesto Lacerda**

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria
Director: **Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado**

10 de Julho de 1971
Chefe da Redacção: **Prof. A. Paula Santos**

ANO XIX — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL — FIGUEIRÓ DOS VINHOS — TELEFONE 42307 — N.º 445

SERENAS PALAVRAS

«É nesta altura que o estímulo do Estado leva a iniciativa privada a prosseguir a grandiosa obra da Lisnave com a próxima inauguração da maior doca seca do Mundo, capaz de reparar navios de até um milhão de toneladas. Mas já está a seguir o projecto de um novo estaleiro, este agora, de construção naval, em Setúbal, apto a laçar ao mar cinco navios de 300 mil toneladas por ano e que envolverá o investimento inicial de um milhão e meio de contos.»

São palavras do sr. Presidente do Conselho na sua última «charla» ao País, através de todos os órgãos de informação escrita e falada.

Como sempre, o Prof. Marcelo Caetano foi claro, objectivo, esclarecedor, ponderado e coerente na apresentação de alguns dos mais instantes problemas, entre os muitos, e importantíssimos que assoberbam o seu Governo. Aflorou e definiu nesta sua «Palestra em Família» vários pontos dos de maior acuidade da situação nacional — e referiu outros grandiosos empreendimentos em curso ou projectados.

Do que ouvimos, lemos e temos verificado de uma coisa poderemos estar certos. Os responsáveis pelo destino da Nação desenvolvem um esforço titânico e tenaz, em todos os sectores da actividade, orientando, fomentando, legislando medidas adequadas que nos transportam àquele nível sócio-económico por que todos ansiamos. Rapidamente mas com ajustada estruturação quanto ao futuro.

Deve-se acrescentar, como verdade irrefutável que é e de que o presente, aliás, já vai tirando seus frutos, que a obra levada a efeito nos últimos anos pode já considerar-se gigantesca. E maior seria, sem dúvida, se os nossos inimigos não nos criassem complicações — que, de resto, não têm impedido as tarefas directivas propostas: Os de fora com campanhas capciosas que, infelizmente, ainda calam no espírito de alguns dirigentes estrangeiros, malgrado o ressaltado nítido da verdade do nosso procedimento perante as restantes nações e o desejo de vivermos pacificamente com todos — o que é brasão de Portugal; os de dentro, maus portugueses, de espírito fraco, arrastados por doutrinas anti-humanas ou com mira, em sonhos impossíveis e desabusadas ambições de mando, dificultando através de condenáveis processos, a magnífica obra de recuperação nacional que aceleradamente se está a realizar.

A todos o Chefe do Governo advertiu, com a sua autoridade: «Não há pois, lugar para der-

Por Silva Faria

rotismos. Nem cabe tolerância para terrorismos. Todo o português amante do seu País tem o dever de colaborar no esforço comum. Se tivermos a serenidade de juízo necessária para pôr de parte as utopias e vermos com clareza onde estão os verdadeiros interesses nacionais; se não nos faltar a força vontade para combater obstáculos e contratemplos e para seguir sem temor o caminho que nos está aberto, podemos estar certos de que viremos a colher o prémio desta acção.»

E a terminar estas palavras de fé e de incitamento:

«Deixemos para trás as aves agoirentas e não demos ouvidos aos falsos profetas. Estamos numa hora crucial da vida colectiva: e hoje, como em todos os tempos, a vitória pertencerá aos que souberem o que querem e souberem querer. A fé e a vontade operam milagres. Eu creio e espero no povo português.»

Lição de patriotismo de enérgica posição foi esta. Não obstante, o País, a parte saudável da Nação, como as autoridades responsáveis estão perfeitamente alerta quanto aos maneios insidiosos dos opositores implacáveis — e o que é mais lamentável, alguns nascidos em Portugal! — que não recuam no uso dos mais vis e criminosos processos para contraírem a nossa leal e correcta posição nos domínios nacional e internacional.

Nova Professora

Concluiu em 23 de Junho o seu curso do Magistério Primário, em Leiria, a nossa estimada conterrânea, gentil menina Maria Helena Santos Simões, filha do Senhor José Francisco Simões Junior, zeloso jardineiro municipal e de sua esposa Senhora D. Maria Rita dos Santos.

A nova professora foi sempre estudante exemplar da Escola Secundária Municipal de Figueiró dos Vinhos, onde concluiu há 2 anos o 2.º Ciclo, sempre com notas que lhe permitiram beneficiar das regalias concedidas por aquele importante estabelecimento de ensino.

À jovem agente do ensino, desejamos as maiores felicidades na nobre missão que vai exercer.

Visado pela Comissão de Censura

“O GRAVE PROBLEMA dos Municípios Pobres”

Subordinada a este título, apresentou o Senhor Dr. Henrique Lacerda, no II Colóquio Nacional dos Municípios, realizado em Lourenço Marques, uma valiosa comunicação que despertou o maior interesse entre os congressistas, devido à oportunidade do tema desenvolvido e à acuidade e conhecimento de causa com que foi tratado.

De facto, a prática (que continua a ser o grande mestre) de 12 anos ao serviço directo e constante da administração de um Município rural, onde os problemas financeiros surgem quotidianamente ao Presidente, que os enfrenta com vibrante coragem aliada a um excepcional conhecimento de Direito Administrativo, essa prática (repetimos) proporcionou ao Senhor Dr. Henrique Vaz Lacerda a possibilidade de apresentar um trabalho digno, fértil em conteúdo, e literariamente aliciente, mesmo para quem lamentavelmente anda afastado ou desinteressado da administração pública que a todos respeita.

A «Atlântida Editora» de Coimbra, reconhecendo o valor deste trabalho, resolveu promover a sua divulgação, editando-o em cuidado opúsculo, edição esta que também revela a excelência dos trabalhos de oficina da conhecida livraria.

Embora saibamos que esta publicação foi uma surpresa para o autor da obra, não podemos deixar de felicitar o Senhor Dr. Henrique Lacerda pelo reconhecimento do valor do seu trabalho, por uma empresa editora de reconhecida categoria.

Melhoramentos Rurais

Promoção do Povo

Em ritmo que poderemos considerar extraordinário, (se atendermos às possibilidades financeiras do Município para fazer face, às participações estatais) está em curso a promoção de vários melhoramentos públicos. Ao mesmo tempo que se procede à construção da estrada da Ribeira do Braz, foi entregue a empreitada da grande reparação da estrada de Campelo, entre Vilas de Pedro e Fontão; está a concurso a da Ervideira e Bairrão e em breve terá lugar a reparação da Ponte da Foz de Alge e ainda a construção da estrada que lhe dará acesso por Casal de Alge.

Num silêncio quase impressionante, as obras vão metódicamente surgindo com eficiência, e sem alardes desnecessários.

VEM AÍ A FEIRA

É sempre motivo de expectativa, de justificado interesse, e até — em alguns Sectores — de manifesta euforia, a realização da Feira anual de S. Pantaleão na nossa vila.

Da sua data de origem pouco ou nada se sabe. Criada naquele tempo em que o comércio local e regional se encontrava insuficientemente sortido, o público acorria à feira grande para se abastecer de certos produtos de uso doméstico durante o ano que se seguia. Vestir e calçar de cabeça até aos pés, a família inteira; renovar o parque das alfaías agrícolas de uso pessoal ou de tracção animal; adquirir as vasilhas de barro ou madeira para garantir o recolhimento das colheitas; reconstituir o bragal e o agasalho do lar, a contar com o outono que se aproxima, eis aí, o que era a Feira do passado.

Mas como viver é evoluir, a feira também não cristalizou naqueles antigos moldes para que foi criada. Não quis correr o risco de ser abandonada.

Os figueiroenses, juntando o útil ao agradável, vestiram a Feira por novo figurino, e realizando obra altruista colocaram-na em nível tal que já hoje desfruta de honroso lugar em guias nacio-

nais e estrangeiros. A sua classe de hoje desenvolve-se à juventude figueiroense dos anos trinta, grande reformadora, que teve a iniciativa das Festas do Parque, que continuam, em parte, com os mesmos elementos auxiliares por meritosas revelações das camadas jovens do presente.

A obra é ao mesmo tempo canserosa, nem sempre bem compreendida, mas paradoxalmente aliciente, e para todos que nela colaboram muito confortante pelo prazer do dever cumprido.

Nós que já nos consideramos velho nestas andanças e não digo cansado, porque quem corre de gosto não cansa, queremos desta tribuna fazer uma exortação a essa prometedora juventude dos nossos dias, para que vão recolhendo os testemunhos dos mais idosos, a bem da evolução na continuidade de uma obra que sendo de Figueiró, é de todos nós. Cartaz de turismo, obra de bem fazer, poderá ir mais longe se todos quiserem. Estão abertas as portas a certames etnográficos; de promoção da lavoura e de tantas outras actividades.

Mocidade Figueiroense: A vossa terra espera contar convosco. F. P.

Assim vai por CAMPELO

Este ano não tivemos tempo de suave Inverno e nem de amena Primavera por cá. Foi sempre de rigoroso inverno e nevão. Caiu neve e geada como não tínhamos na memória e nem mesmo os de mais prolecta idade se recordam de tanto cá nevar assim.

Na verdade, cada dia parecia apostado em ser mais chuvoso, mais frio e mais feio que o seu predecessor. Vento, chuva e frio foram severamente impiedosos; e o próprio arvoredor, coitado, via-se dobrar pelo vento e carregado de «cachos de neve»; por sua vez o amplo manto desta fazia lembrar que mil moleiros do céu teriam andado por cá a espalhar sua farinha... E talvez para não destoar desse natural dobrar do tempo, as noites se lhe juntaram iguais também: gélidas, chuvosas, escuras como prego e breu e já assim bem mais longas. Era de bater-se o queixo, como sabem, Amigos, mesmo a um confortável canto da lareira...

Enfim. Tempo de Inverno e de Primavera sem sol, sem luz, sem dias maravilhosamente be-

los. Com a chegada agora do Verão vieram, porém, já uns dias de sol, mais quentes. Mas o tempo continua ainda bastante fresco, instável, pouco seguro de si e incerto. Se continuar assim, também não iremos ter Verão...

A testemunhar esse tempo de Primavera sem sol temos por exemplo as graciosas e poéticas ribeiras de Alge, da Ribeira Velha, do Fontão Fundeiro e outros ribeiros mais a exibirem a tumultuosa brava e força dos seus ainda não minguados caudais, e assim bem fora do costumado por esta época do ano. E a lançarem-se e a confundirem se nelas os riachos de Peralcovo, do Torgal, de Vilas de Pedro, do Val Salgueiro e outros descendo

A Página 2

No Serviço da Pátria

De visita a seus pais, encontra-se no lugar da Lavandeira o Sr. Armindo Rodrigues Graça, furiel miliciano em serviço militar, na defesa da soberania da província de Angola.

Assim vai por CAMPELO

Da Página 1
aos saltos pelas encostas e vales com o seu murmurar de canção sem fim que, por certo, só o tempo quente, se vier, há-de interromper e fazer silenciar...

E mais ainda. Também da Primavera sem sol, fria e molhada que fez nesta região, se mostra aqui por toda a parte o manto verdejante, da vegetação e do arvoredor, ora bordando ao longo das ribeiras as terras de cultivo, ora rendilhando no sopé dos montes, ora ainda avolumando-se depois para mais alto, indo confundir-se à nossa volta com a extensa, maciça e ondulante cor verde-escura da vasta copa dos pinhais.

Embora assim, temos presente que em tudo isto que nos envolve, avista, contempla e vê há uma certeza que sente. E a de que é na Primavera que a natureza se veste de novo e renova e se dá em nós, talvez por isso, e influência sua, um mais vivo sentimento íntimo de esperança e de sentido apego ao trabalho e à vida.

E que mais sentimos, vemos e vem até nós por cá... Feita por igual de urze e mato a paisagem que de todos os lados chega até nós pela vista numa multiplicidade de cores e de altos e baixos, ao mesmo tempo suave, encantadora e docemente bela. E a paisagem dos montes e vales floridos com os seus bosques e os seus faunos, os seus

riachos e as suas ninfas... Assim, ó poetas!... A breve aragem dos zéfirios, agora mais suave e amena, que nos afaga com ar leve saudável e silvestremente perfumado...

Sentimos pois agora cá chegando o Verão, espalhando-se em dias luminosos, refulgentes, que queremos louvor nesta trova:

Há sol. Há dias felizes
Nesta paisagem tão bela.
Doce céu, lindos matizes,
Mas da paisagem—só dela!...

De facto, a paisagem deixa-se contemplar nos seus encantos e atractivos: a sua policromia, o seu céu azul, azul, o seus contrastes e matizes. Mas permanece senhora e avara de si: enleva-nos, extasia-nos, mas não deixa conhecer o segredo do seu encanto e divina harmonia.

Também por isso, faz-nos pensar. E é talvez pelo seu natural retraimento e nenhuma vulgaridade, que nossos olhos se não cansam de a contemplar, companheira *amoureuse* de todos os dias nestes céus, nestas terras, nestas aldeias, onde por esta época do ano ela—a paisagem!... —é sempre mais atraente, encantadora e mais bela!

Continua

Junho de 1971

Joselcampo de Matos

Assine este JORNAL

Queimadura química dos olhos

A queimadura dos olhos por agentes químicos, ácidos, soda, detergentes, etc., pode produzir consequências desastrosas. Há, entretanto uma providência simples, mas muito importante para minorar estes efeitos: é o uso de água em abundância, aplicada sobre a vista, imediatamente depois da queimadura, no próprio lugar da ocorrência, antes mesmo do acidentado ir à enfermaria ou ao médico.

Basta que exista água limpa num bebedouro de água, numa tina, numa torneira ou até num balde.

A aplicação deve ser feita, como fôr possível, no local, visando apenas à remoção imediata do cáustico. A água, em grande quantidade, terá por efeito apenas retirar o agente nocivo. Antigamente, procurava-se um líquido especial para neutralizar o agente da queimadura. Hoje, preferimos simplesmente removê-lo com água.

Depois dessa medida de emergência, feita em poucos minutos na própria oficina, o paciente irá à enfermaria. Aí, nova aplicação de água (ou de soro), por mais 15 ou 20 minutos, completarão o cuidado inicial. Um líquido anestésico também ajudará o tratamento posterior, que já caberá ao oculista fazer.

Num camião tanque de transporte de ácido ou outros líquidos corrosivos, deverá sempre haver um frasco (de matéria plástica, por exemplo), com água limpa, para uma emergência, no caso de queimadura química dos olhos.

Aceita Escritas

António da Conceição Campos
(Inscrito na D. G. C. I.)

Figueiró dos Vinhos
Telefone 42129

Automóvel

OPEL KAPITAN em perfeito estado, VENDE-SE.
Informa esta Redacção.

Camisas Trevira

SOTO RIO

33.º Algodão—67.º Trevira
E' moda... é Trevira
Um exclusivo da Casa Silva

de

António da Silva
Figueiró dos Vinhos

Vende-se

Máquina de tricotar de marca Knitax em segunda-mão em ótimo estado.
Nesta redacção se informa.

Encomende à TIPOGRAFIA
deste JORNAL
os impressos que necessite

Ao escolher...

o seu

Frigorífico
Televisor ou Rádio

A sua máquina
de Lavar

Louça ou Roupa

ou qualquer aparelho Electro-Doméstico
qualquer que seja a marca
e Máquinas de Costura e Fogões a Gás OLIVA

Não compre sem consultar a

Ourivesaria Lourenço
em Figueiró dos Vinhos

PREÇOS DE RECLAME

Televisores com 2.º programa a 3800\$00

Frigoríficos de 140 litros a 2300\$00

Rádios a 100\$00

e a vantagem incomparável

de assistência permanente

em todos os artigos que vende

Só na **Ourivesaria Lourenço**

Telef. 4 2105

Figueiró dos Vinhos

Especialidade Regional de Figueiró dos Vinhos

CONFITARIA



SANTA LUZIA

de A. C. Campos

Telefone 42.129

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Manuel Henriques Coelho

Fábrica
de artigos
de cimento

Depósitos para vinho e sulfato, garrafeiras,
Grelhagens para construção civil, manilhas,
postes para vinhas, etc., etc.

Telef. 18 (Lameira Cimeira)

Pinheiro do Bolim

Pedrógão Grande

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES

MÉDICA

Doenças da boca e dentes

Consultas às 2.ª, 3.ª, 4.ª, 6.ª e sábados das 9 às 12 horas
e 5.ª e sábados das 15 às 17 horas.

Telefon. 42 498

FIGUEIRO DOS VINHOS

Mata de eucaliptos

vende-se

para as celuloses
cerca de 5000 toneladas

Antiga mata Foz d'Alge — Figueiró dos Vinhos

Trata Manuel Simões, Feitor — Telef. 93103

Praia do Ribatejo

Transporte de Mercadorias

Furgoneta de Aluguer

DE

José Velhada Assunção

FIGUEIRO DOS VINHOS

MUDANÇAS

TRANSPORTE AO QUILOMETRO

SERVIÇO PERMANENTE

NA PRAÇA OU TELEFONE 42453

Estrada de S. Simão

Quando a vontade do povo manda, ao serviço de uma boa causa, muitos obstáculos se podem transpor.

Foi o que sucedeu com a terraplanagem da estrada entre a Ponte de S. Simão e a Capela do santo que lhe dá o nome.

Local aprazível, onde todos os anos se realiza uma feira no mês de Outubro, e se venera o padroeiro, não tinha um caminho transitável pelo automóvel que o ligasse a esta vila, sua sede de concelho.

Um violento incêndio registado o ano passado na encosta dominada por aquele miradouro, mesmo junto às Fragas, demonstrou quanto teria sido útil ao combate do fogo, uma estrada de acesso ao local.

Foi então que naquela gente das povoações limítrofes nasceu a ideia de construir uma estrada que além do mais tem a virtude de ligar várias povoações à sua sede de freguesia: Aguda.

Uma comissão de melhoramentos que teve como seu impulsionador o Senhor Manuel de Jesus Carvalho, do Casal de S. Simão, bem compreendida por meia dúzia de habitantes da Ponte de S. Simão, lugar onde não faltaram também os eternos opositoristas ao bem comum, para contrariar a boa vontade de outros.

A Câmara Municipal, sempre atenta aos movimentos construtivos do seu concelho patrocinou, técnica e materialmente, a realização da obra.

Ainda faltam alguns acabamentos, e por isso se espera que os que nada deram, num acto de reconsideração, ainda venham a contribuir para uma obra que é de todos.

As contas até à data, apresentadas pelo Senhor Manuel de Jesus Carvalho, acusam um saldo, negativo, desembolsado pelo próprio, na importância de 990\$00, e como atrás se diz ainda não está completa a obra, embora a estrada esteja aberta ao trânsito.

Despesa com a Máquina	12 540\$00
Mão de Obra (a discriminar)	6 100\$00
	18 640\$00
Receita	17 650\$00
Saldo negativo	990\$00

Descriminação da Receita:

Casal de S. Simão.

António Farinha da Silva, 1500\$; Domingos Jorge, 1000\$; Domingos Simões, 1000\$; Manuel de Jesus Carvalho, 1000\$; Manuel da Silva Alexandre, (falecido recentemente), 1000\$; Fernando Gomes Teixeira, 1000\$; Palmira Assunção, 150\$; Comissão Fabricqueira de S. Simão, 1000\$; Total deste lugar 8650\$;

Fato:

António Ferreira, 500\$; Eduardo de Jesus Duarte, 100\$; Alberto Duzarte, 20\$; Manuel Marques, 20\$; Manuel dos Sobreiros, 20\$; Alfredo Moreira 20\$; Matilde dos Santos, 20\$; Augusto dos Santos, 50\$; António de Almeida, 20\$; Manuel Lopes, 50\$; José Maria Nunes, 100\$; António Simões, 100\$; Manuel Augusto, 50\$; Anibal Jorge, 20\$; Total deste lugar 1090\$

Azeitão

José Simões de Abreu, 100\$; Alberto Jorge, 100\$; António Pires Grego, 50\$; António Coelho dos Santos, 50\$; António Quaresma Mendes 60\$; Mateus Antunes Pires, 50\$; Júlio da Conceição Simões, 50\$; Maria Mata, 50\$; Mário António da Silva, 50\$; Total deste Lugar 560\$;

Ponte de S. Simão:

Manuel Teixeira, 250\$; Fernando C. Mendes 100\$; Manuel Simões, 100\$; João Mota dos Santos 100\$; Mário Ferreira Alves, 250\$; Total deste lugar, 800\$;

Diversos

José Quaresma Abreu Avelar, de Figueiró dos Vinhos 300\$; Aácio José da Silva de Saonda 250\$; Soma 550\$00;

Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos 6000\$; Total 17650\$;

É de louvar a atitude da Sr.ª D. Palmira da Conceição Jorge, natural da Ponte de S. Simão, há muitos anos radicada na Argentina, que cedeu gratuitamente vários terrenos de cultura necessários à construção da estrada e também os Srs. Augusto Lopes e Casimiro Agostinho, residentes no referido lugar, que deram nesse aspecto valiosa colaboração.

Gente Nova

O Lar do Sr. Fernando Cotrim Lourenço dos Santos, conceituado comerciante nesta vila, foi enriquecido no dia 19 do mês de Junho, com o nascimento de uma linda menina à qual foi dado o nome de Sandra Margarida.

Ao Sr. Fernando Lourenço e sua esposa Sr.ª D. Maria Nunes Rosa Lourenço dos Santos, apresentamos as nossas felicitações desejando para a menina um lindo porvir.

Da Sede do Distrito

XII Concurso Internacional de Pesca Desportiva do Rio Liz

A Comissão Regional do Turismo de Leiria, com colaboração técnica do Clube Amador da Caça e Pesca, da mesma cidade, vai levar a efeito nos dias 17 e 18 de Julho o XII Concurso internacional de Pesca Desportiva do Rio Lis.

Tanto no dia 17 como no dia 18 processa-se o concurso desde as Cortes até ao açude do Arrabalde, da prova de equipas, clubes e individual. No dia 16 a noite há um espectáculo de folclore e no dia 17 um passeio turístico à Praia de Pedrógão, com uma sardinhada típica e no dia 18 realiza-se a distribuição de prémios pelas 18 horas, no Pavilhão Gimnodesportivo e pelas 16 horas no mesmo local haverá uma festa de ginástica pelos estabelecimentos de Ensino da Marinha Grande, dirigida pelo professor Mário Adelino.

Comissão de Melhoramentos das Bairradas—Figueiró dos Vinhos

LISTA Nº 21

	Saldo anterior	19 634\$00
Manuel Rodrigues Alves - Corisco Bairradas		250\$00
Eduardo da Silva Caetano—Aldeia Fundeira		250\$00
José Rodrigues Baião—Casal da Fonte		250\$00
António da Silva Simões—Corisco		100\$00
Manuel Caetano—Aldeia Fundeira		100\$00
Manuel Simões—Aldeia Fundeira		100\$00
Mário Valente e Esposa—Lisboa		100\$00
António Conceição Pires—Aldeia Fundeira		50\$00
José da Silva Rodrigues—Aldeia Fundeira		50\$00
José Pires—Aldeia Fundeira		50\$00
José Conceição Pires—Aldeia Fundeira		50\$00
Joaquim Paiva Junior—Aldeia Fundeira		25\$00
José Simões—Aldeia Fundeira		25\$00
Laura Rodrigues Simões—Aldeia Fundeira		20\$00
	SOMA	21 054\$00

Figueiró dos Vinhos, 25 de Junho de 1971.

Isso... E' que era bom!

Se o público, colaborando com as autoridades, ajudasse a manter a nossa vila limpa em todas as ruas e praças, evitando e repudiando o abandono na via pública de tudo aquilo que lá não pertence, aos receptáculos que em boa hora a Câmara Municipal fixou em vários locais, destinados a receber papéis ou quaisquer detritos que uma vez lançados nos lugares públicos dão ao visitante uma ideia de desleixo que realmente a grande maioria dos Figueiroenses não merece.

Se todos, sem excepção, procurassem receber o visitante com solicitude que dignifica, e sem servilismo que humilha, acolhendo com simpatia quantos demandam a nossa terra, para que todos daqui saíssem com a certeza que foram bem-vindos, e que Figueiró, além da beleza ímpar da paisagem, mantém íntegra a tradicional, e nobre Hospitalidade do seu povo.

Se os proprietários e utentes de motocicletas, (veículos produzidos para facilitar o transportar das pessoas) não exibissem em desordenados correrias fazendo alarde de libérrimos e ensurdecedores escapes, poluindo a atmosfera e perturbando o silêncio da noite, indispensável ao repouso dos que trabalham de dia, e mostrassem antes o conhecimento dos seus deveres cívicos perante a sociedade em que vivem.

Se os industriais de aluguer de Automóvel criassem uma taxa fixa e acessível de visita ao turístico miradouro do Cabeço do Peão, incluindo demora de alguns minutos no local, e dessa corrida fizessem a necessária propaganda, aumentando os seus proventos, e servindo o turismo de Figueiró.

Perfeito da Esperança

Senhora Dona de Casa...

não tenha mais problemas com as suas refeições:

A Casa Santo António de João David Campos Figueiró dos Vinhos

Acaba de adquirir um **Enorme Congelador**, A fim de poder garantir nas melhores condições o abastecimento de:

Carnes, Peixes, Legumes e frutas

Higiene, a máxima - Qualidade, a melhor

Mercearias - Louças - Vidros - Papelaria
Livraria - Artigos de Utilidade Doméstica
Artigos para Caça e Pesca

Casa Santo António

João David Campos

Telef. 42462 Figueiró dos Vinhos

Mercado diário ao seu dispor



O Amor e a Vida

Meio dia. Na abóbada celestina,
Doce brilhava o Sol da Primavera
E, no muro velho de cerca, tufo d'hera
Pintou-me lindo quadro na retina:

Um bando de engraçados passarinhos
Ali tinha seu «habitat» ideal:
Jardim, as flores; sementes, cereal
E o seio do tufo abrigo dos ninhos

Enamorados, viviam alegremente,
Beijos se dando amorosamente,
Alheios a sentimentos de pudor

O quadro idílico é lição
E mais uma provo desta asserção:
"A Vida existe porque existe o AMOR".

José Rodrigues Dias

Nota — Como se vê, os versos do primeiro quarteto não rimam com os correspondentes do segundo. Por esta deficiência, a poesia não pode ser qualificada de *soneto*. Mas dada a liberdade que, na hora actual do Mundo campeia desenfreada no campo das *Letras* e noutros, chamamos-lhe, à falta de outro termo melhor SONETILHA. Que as almas de Homero, Virgílio, Tasso, Dante, Camões, d'Annunzio, João de Deus, Junqueiro e as de todos os outros grandes *joalheiros e mestres* da Poesia me perdoem a ousadia, mais que ousadia, atrevimento.

J. R. Dias

Aldeia de Ana de Avis

Falecimento

Com 52 anos, faleceu nesta povoação no dia, 12 de Junho, a Senhora D. Gracinda Alves, casada com o Sr. Manuel Dias Gama.

Era mãe do Sr. António Alves Gama, casado com a Sr.ª D. Edite Telhada Assunção; Carlos Alves Gama; Osório Alves Gama e José Alves Gama; das Senhoras D. D. Maria do Carmo Alves Gama, casada com o Sr. João Maria, e Margarida Alves Gama, casada com o Sr. José Lopes

O funeral que se realizou no dia seguinte para o Cemitério de Figueiró dos Vinhos constituiu sentida manifestação de pesar.

Apresentamos condolências à família de luto.

Leia e divulgue este Jornal

DÍVIDA EM ABERTO

No número do «Diário de Notícias» de 18 de Abril do ano corrente, foi publicada, na secção *Pergunte que nós respondemos*, a resposta a uma pergunta, feita por uma leitora do referido jornal, natural de Aldeia de Ana de Avis, pedindo alguns apontamentos sobre a sua terra natal.

Eis, na íntegra, a resposta:

«A aldeia de Ana de Avis é uma freguesia, de S. João Baptista pertencente ao concelho de Figueiró dos Vinhos.

É povoação muito antiga, não se sabendo ao certo quando foi tomada pela primeira vez pelos Cristãos, mas D. Afonso Henriques mandou-a repovoar em 1147, e, nos últimos anos do seu reinado, durante as invasões dos Mouros, em 1180, foi por estes novamente ocupada e reduzida a ruínas. Tomada, anos depois, por D. Sancho I, que a levantou sobre ruínas. Nada mais se conhece sobre esta povoação, isto no que diz respeito a elementos históricos, origem do seu nome, etc.»

É, portanto, a Aldeia de Ana de Avis uma povoação cuja fundação e primeira conquista aos Mouros pelos Cristãos se ocultam na noite do Tempo. Sabe-se que D. Afonso Henriques a mandou repovoar em 1147, data das conquistas de Santarém e Lisboa aos Infieis. O repovoamento foi, certamente, consequência directa das lutas sem tréguas e prolongadas de sessenta anos, travadas pelo nosso Rei contra os inimigos da Fé e da Pátria as quais não podiam deixar de ocasionar muitas baixas na população militar e civil portuguesa e, portanto, na Aldeia de Ana de Avis que, assim, contribuiu com o seu sangue generoso e heróico para a fundação e consolidação da Nossa Nacionalidade—Portugal.

No decurso dos oito séculos da nossa existência como Nação, a História tem-se repetido, com frequência, e continua, na hora actual, a repetir-se nos campos portugueses e sagrados (descobrimo-los, não os usurpamos a ninguém) da Guiné, Angola e Moçambique.

O Deus de Ourique e Nossa Senhora da Conceição ou de Fátima (tanto faz), Padroeira de Portugal, nunca, nas horas mais atroz (Aljubarrota, Guerra da Restauração, Invasões Francesas...) faltaram com a sua Divina Protecção à Pátria Portuguesa e é nossa Fé convicta de que na actual, ela não nos faltará pois não temos sido e continuamos a ser, nós Portugueses os seus Filhos mais dilectos e fieis? Quem, mais do que a Nação Fidelíssima, espalhou, pelo Mundo, o Evangelho?

Seria interessante e mais do que interessante, proveitoso, para lhes prestar rendida e concreta homenagem, à memória, saber-se os nomes de todos *Ano-avisenses* alistados nas hostes indomáveis do Rei Conquistador e seus sucessores até D. Afonso III, que, conquistando, definitivamente, o Algarve aos Mouros, talhou, para a Pátria Portuguesa, a forma e limites geográficos que, com pequenas alterações, tem, actualmente, na Europa. De igual homenagem seriam dignos todos os *Filhos* de Aldeia de Ana de Avis que, pela Pátria, se bateram com denodo e heroicamente, noutros campos de

batalha.

Nos últimos anos do reinado D. Afonso Henriques, os Mouros invadiram, de novo, o Território Nacional e reconquistaram todas as terras, com excepção de Évora, que o nosso primeiro Rei lhes havia tomado não só a sul como a norte do rio Tejo até ao Mondego em cuja área se incluía e inclui, é claro, a Aldeia Ana de Avis.

Uma vez recuperada pelos Mouros, em 1180, esta Aldeia foi, como tantas outras terras lusas, reduzida a ruínas. Mas retomada, anos depois, por D. Sancho I, filho e sucessor de D. Afonso Henriques foi, por aquele Rei, levantada sobre aquelas ruínas.

Depois de escrita esta pequena explanação histórica, fiquei a pensar que os Filhos de Aldeia de Ana de Avis, os *Ano-avisenses* têm em aberto, para com os Reis D. Afonso Henriques e D. Sancho I, uma dívida de gratidão. Como povo trabalhador, honesto e cumpridor dos seus deveres cívicos que é, não tem, estou certo disso, a mínima intenção de negar a *dívida*. A dificuldade deve estar, apenas, na escolha da moeda para pagá-la.

Permita-me o Povo *Ano-avisense* que o ajude em tão meritória tarefa, indicando-lhes duas espécies de moedas que me parece terem cotação válida para isso:

a) Levantamento, em granito da Nossa Região, de um padrão em que, na face frontal do pedestal fosse gravada e pintada a ouro, a seguinte (ou outra julgada melhor) legenda:

«Ao Rei D. Afonso Henriques Como Seu Repovoador

E

Ao Rei D. Sancho I Como Seu Reconquistador e Reconstituidor, O Povo de Aldeia de Ana de Avis Agradecido.

1147 — 1971»

b) Escolha de duas das melhores ruas da Aldeia para, no início de cada uma delas, afixar, em parede ou pedestal adequado, uma lápida toponímica de granito, igualmente, com os seguintes dizeres gravados e pintados a ouro:

«Rua Rei D. Afonso Henriques Repovoador Desta Aldeia
Rua Rei D. Sancho I Reconquistador e Reconstituidor Desta Aldeia»

Caso o Povo *Ano-avisense* preferisse o padrão, não poderia ser erigido no adro da Capela de Nossa Senhora da Penha de França, no prolongamento do eixo da mesma Capela e centro do adro?

Penso que, a não haver entraves de ordem religiosa, o padrão ficava ali bem situado porque aqueles Reis (e outros, é claro) foram grandes defensores da Fé Cristã, combatendo árdua e heróicamente, a expansão do Alcorão, bíblia maometana.

Vou terminar estas simples considerações na esperança de que a homenagem será prestada aos nossos dois primeiros Reis pelo Povo de Aldeia de Ana de Avis pelos serviços de que lhes é deverdor e não ignorar que um dos mais belos sentimentos que florescem na alma humana é a *gratidão*.

É claro que a única palavra a ser dada, sobre este assunto, pertenceria à Câmara Municipal

Falecimentos

D. Irolinda da Piedade Quaresma Nunes Curado

Na sua residência, nesta vila, faleceu, no dia 6 do mês corrente a Senhora D. Irolinda da Piedade Quaresma Nunes Curado, de 73 anos de idade.

A saudosa extinta era casada com o Sr. Alfredo Dias Curado, funcionário aposentado da Direcção Hidráulica do Tejo, e mãe das Senhoras D. Maria Julia Nunes Curado, e D. Maria Benedita Nunes Curado Cipriano, casada com o Senhor Rui Marques Cipriano, escrivão de direito.

Também era irmã do Sr. Artur Quaresma Nunes, comerciante em Lisboa, casado com a Senhora D. Helena Quaresma Nunes e cunhada da Senhora D. Joaquina Nunes Quaresma, viúva de seu falecido irmão Sr. Manuel Quaresma Nunes. Deixa 2 netinhos, menino João Mário Curado Cipriano e menina Maria da Graça Curado Cipriano.

O funeral que se realizou no dia seguinte para o cemitério da vila, constituiu sentida manifestação de pesar, e teve muita assistência à missa de corpo presente.

A família de luto apresenta-mos sentidos pêsames.

Marcelino da Silva

No dia 3 do mês corrente, faleceu em Lisboa, onde residiu muitos anos, o Senhor Marcelino da Silva, de 57 anos de idade, proprietário na Capital e nesta vila.

O saudoso extinto, natural da freguesia do Castelo, vizinho concelho da Sertã, estava ligado à Nossa Terra, onde gozava de geral simpatia, pelo casamento com a Senhora D. Ilda Alves da Silva.

Era pai das Senhoras D. Maria Isabel Alves da Silva e D. Maria Arlete Alves da Silva.

O funeral que se realizou no dia seguinte de Lisboa para o cemitério Municipal desta vila, foi muito concorrido e constituiu sentida manifestação de pesar.

A família de luto apresenta-mos sentidas condolências.

Agradecimento

A viúva de Acúrcio Portela e filhos, vem por este meio expressar o seu reconhecimento a todas as pessoas que se interessaram do estado de saúde durante toda a sua doença, e simultaneamente se incorporaram no seu funeral.

do nosso concelho, da digna e ilustre Presidência do Sr. Dr. Henrique Vaz Lacerda, e essa a não haver qualquer impedimento legal seria, estou convencido disso, SIM porque é função das Câmaras Municipais promoverem o engrandecimento material, moral, espiritual, cultural, histórico e artístico das terras e povos sobre que exercem a sua jurisdição e a *Homenagem* em questão não poder ser excluída daquele quadro de valores.

Daqui, das colunas do «Norte do Distrito», eu quero, como o Infante D. Henrique, das rochas da Ponta de Sagres, aos seus marinheiros, gritar bem alto ao Povo de Aldeia de Ana de Avis. Avante! Avante! Avante!

José Rodrigues Dias

O entendimento Luso-Sul-Africano

Comentário de Rui Vaz

Portugal e a União Sul-Africana têm objectivos e inimigos comuns na África Austral. Dois objectivos fundamentais: repressão do terrorismo e promoção economico-social. Dois inimigos que não desarmam: os comunistas soviético e chinês. Não é segredo para ninguém a poderosa assistência material da Rússia aos jovens Estados africanos, na mira de largos proveitos ulteriores. A mensagem da União Soviética à recente reunião da O. U. A confirma mais uma vez os seus propósitos neocolonialistas. Quanto a penetração chinesa, assistimos à influência crescente de Pequim em alguns Estados, influência que se traduz em assistência técnica e financeira e fornecimento de armas ao terrorismo.

Os problemas que resultam da subversão de inspiração comunista tratados pormenorizadamente no encontro entre os srs. drs. Rui Patrício e Hilgard Muller, ministros dos Negócios Estrangeiros, respectivamente, de Portugal e da União Sul-Africana, encontro celebrado recentemente em Pre-

tória e em que se sublinhou a importância da cooperação entre os dois países em vários campos para a prosperidade e estabilidade da África Austral. Segundo afirmou justamente o sr. dr. Muller, Portugal e a União devem construir um baluarte contra as forças que promovem o caos para destruir a civilização ocidental e fazer triunfar em seguida as suas doutrinas deletérias.

Pensamento idêntico exprimiu o sr. dr. Rui Patrício, ao afirmar que as posições estratégicas de Portugal e da África do Sul constituem elementos valiosos para a defesa da civilização ocidental, «Partilhando — acrescentou — ideias comuns de paz e de progresso, sofremos as mesmas ameaças e corremos os mesmos perigos: temos responsabilidades que não descuroamos e construímos cada qual o seu próprio futuro com confiança.»

O encontro de Pretória assinala uma nova fase nas relações luso-sul-africanas, fase que se caracteriza pela intensificação do ritmo da cooperação entre os dois países em tudo que diga respeito aos importantes problemas que ambos defrontam. Entre esses problemas, o da subversão talvez seja o mais preocupante. Portugueses e Sul-africanos vão redobrar a vigilância e reforçar as providências contra a actividade subversiva.

D. Emilia Nunes Lacerda Colaço

Encontra-se de visita a seus familiares, no continente, a Sr.^a D. Emilia Nunes Lacerda Colaço, nossa distinta conterrânea, há anos radicada em Moçambique.

Manuel Fernandes Godinho

Em gozo de merecidas férias, encontra-se por alguns meses em Aldeia de Ana de Avis o Senhor Manuel Fernandes Godinho, que há anos exerce funções públicas na província da Angola. Desejamos-lhe férias felizes.

De Visita

A passar férias encontra-se em Portugal, depois de alguns anos de fixação na África do Sul, a Sr.^a D. Maria Assunção Santos Simões Alves, e seu marido Sr. Joaquim de Jesus Alves, que vêm de visita a seus familiares acompanhados de 2 filhinhos.

Depois de alguns dias passados na Ribeira de S. Pedro seguiram para Figueira da Foz.

Baptizado

No dia 27 de Junho na Igreja do Carmo teve lugar o Baptizado do menino Ivo Simões Alves, filho da Sr.^a D. Maria Assunção Santos Simões Alves e do Sr. Joaquim de Jesus Alves.

O acto solene foi presidido pelo Rev. Padre Belarmino Soeiro, e apadrinhado pela Sr.^a D. Maria Inez Santos Simões e marido Sr. Francisco da Cruz Pinheiro.

Ao novo cristão desejamos as melhores bençãos de Deus.

José Lemos Marques

Acompanhado de sua esposa e filha, deu-nos o prazer de sua visita a esta casa, o nosso estimado assinante em Angola, que se encontra de visita a seus familiares em Arega, Sr. José de Lemos Marques.

«O Norte do Distrito»

A «Revista Académica» de desporto, tradição e cultura, que se publica em Coimbra sob a direcção do ilustre senhor Dr. Lúcio Lemos, transcreveu na íntegra, no seu número de 31 de Maio último, o artigo que «O Norte do Distrito» de 10 de Abril publicou sob o título «Exortação de um velho professor primário à Academia de Coimbra» da autoria do nosso distinto colaborador Sr. José Rodrigues Dias, acompanhando-o com a seguinte NOTA: A propósito destas pertinentes considerações publicadas em «O Norte do Distrito», de Figueiró dos Vinhos, na sua edição de 10/4/71, apenas queremos destacar, de acordo, aliás, com o que dissemos no Editorial do nosso 6.º número, que elas encaixam-se perfeitamente numa das nossas preocupações que é precisamente fazer algo pela tradição (e o uso da capa e batina faz parte integrante dessa tradição que os estudantes de Coimbra devem agarrar pelos cabelos, se necessário for, pois a vida sem ela não é vida e a Académica não é Académica com a Grande».

Daí a razão única da transcrição dessas considerações nas páginas da «Revista Académica».

Quanto à dor manifestada pelo autor do escrito, sr. José Rodrigues Dias, compreendemo-la perfeitamente pois, tal como muitos antigos estudantes de Coimbra, sentimo-la de igual modo e com a mesma intensidade.

Por isso, e dentro da nossa limitada esfera de acção lutamos e lutaremos na esperança de que «a tradição coimbrã renasça das próprias cinzas».

Ao agradecermos a gentileza da transcrição felicitamos o Sr. professor José Rodrigues Dias.